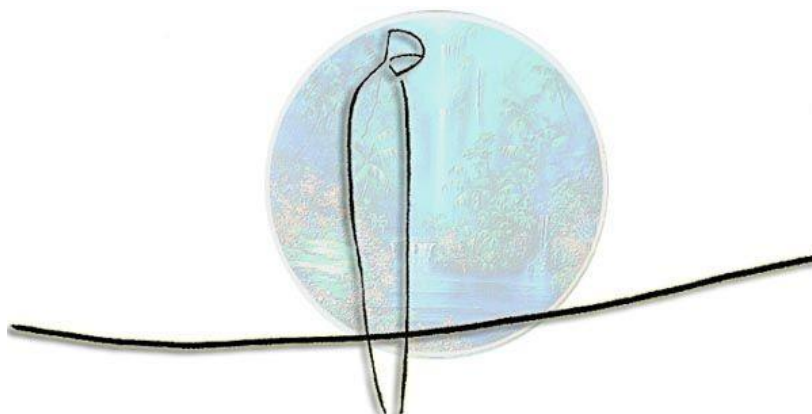


I DOMINGO DA QUARESMA – ANO C¹

Dt 26,4-10 | Sl 90(91) | Rm 10,8-13 | Lc 4,1-13

DESERTO, UM LUGAR EXISTENCIAL



O itinerário quaresmal deste ano convida-nos a visitar, com Jesus, alguns lugares que possibilitam nosso crescimento espiritual. O primeiro deles é o *deserto*, cujo sentido teológico é mais existencial do que geográfico, portanto, o que ouvimos no evangelho é menos estar no deserto do que estar num estado de deserto. Por essa experiência todos passam em alguma medida, mas nem sempre dela tiram proveito.

Existem “desertos” involuntários, que de alguma forma são impostos a nós, como uma experiência de luto ou outro tipo de perda, uma enfermidade, um conflito familiar e uma série de outras situações que poderíamos mencionar. Eles despertam em nós conflitos interiores que, muitas vezes, nem imaginávamos como possíveis. Pensemos no grande momento de deserto do próprio Jesus em sua paixão e morte (cf. Lc 22,39-46; Mc 15,34). Entretanto, há também “desertos” que são voluntários. A esse propósito, o Evangelho de Lucas menciona que Jesus “*se retirava para alguns lugares desertos, e orava*” (Lc 5,16). Às vezes, precisamos nos retirar, como o Senhor, para nos aproximar mais de Deus e realizar exercícios de discernimento que são importantes para nossa vida. Com sua capacidade de conjugar o simples e o complexo, Clarice Lispector expressou-se deste modo: “Estou com saudade de mim. Ando pouco recolhida, atendendo demais o telefone, escrevo depressa, vivo depressa. Onde está eu? Preciso fazer um retiro espiritual e encontrar-me enfim – enfim, mas que medo – de mim mesma”. Buscar o deserto voluntário pode ser um grande desafio! A Quaresma quer justamente facilitar esse movimento.

Mas por que o medo do deserto? Por que ele parece tão assustador para algumas pessoas? Talvez porque uma de suas características mais notáveis seja o silêncio que ele provoca, e este coloca-nos em contato com nós mesmos, com aquela

¹ Homilia proferida na Paróquia São João Batista (São João) em 6 de março de 2022.

verdade que nem sempre queremos acessar, vide a fobia que alguns manifestam diante da possibilidade de silenciar-se. É no silêncio que percebemos nossos desejos mais profundos, nossos medos mais urgentes e nossas tentações mais sombrias. Contudo, é no silêncio também que escutamos a voz de Deus com muito mais clareza, que damos uma chance para a consciência que está ali, pedindo para ser acessada. A narrativa da tentação de Jesus sintetiza os desertos involuntários e voluntários, aqueles que precisamos atravessar por exigência da vida e aqueles que buscamos a fim de nos reencontrarmos.

Na primeira leitura, que narra a história de fé de Israel, vemos que o Senhor conduz seu povo à terra onde corre leite e mel, mas sabemos bem que o alcance desse objetivo comportou a travessia de um deserto. Prestemos atenção nos nossos e procuremos fazer nossa travessia apoiados na Palavra de Deus e guiados pelo Espírito, a exemplo do próprio Jesus. E, quando tal travessia mostrar seus desafios, possamos rezar ao Senhor conforme o convite do salmista: *“Sois meu refúgio e proteção, sois o meu Deus, no qual confio inteiramente”*.

PE. ÉVERTON MACHADO DOS SANTOS
Pároco da Paróquia São João Batista

Deus de bondade, que nos conduzis também pelo deserto, fortalecei-nos em nossas travessias para que, atentos à vossa Palavra, cheguemos revigorados à terra onde corre leite e mel. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo.